



RODRIGUES, Violeta Virginia. **Em foco a correlação.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 16, Dezembro 2014. [http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br]

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4028>

## EM FOCO A CORRELAÇÃO

Violeta Virginia Rodrigues<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo, aborda-se a correlação como mecanismo de organização das orações no período composto em que uma oração estabelece uma relação de interdependência com a outra, relação esta materializada por conectores que vem aos pares. Resgatando, por exemplo, as contribuições dos estudos de Oiticica (1942; 1952) e Rodrigues (2007, 2001), pretende-se mostrar quais orações podem ser consideradas correlatas em português – correlatas aditiva, alternativa, comparativa, proporcional e consecutiva. Para exemplificar os tipos de orações correlatas, recorreu-se ao *corpus* compartilhado do Projeto VARPORT e ao *corpus* Roteiro de Cinema.

**PALAVRAS-CHAVE:** correlação; tipos de orações correlatas; pares correlativos.

### ABSTRACT

In this paper we discuss the correlation as a mechanism which organizes complex sentences. This type of sentence are characterized by a relationship of interdependence between sentences, this relationship is also materialized by connectors that come in pairs. Recovering, for example, the contributions of Oiticica's (1942; 1952) and Rodrigues' (2007, 2001) studies, we intended to show that sentences can be considered correlated in Portuguese when they are additive, alternative, comparative, proportional and consecutive. To illustrate the types of correlated complex sentences, we resort to VARPORT Project's *corpus* and Script Film's *corpus*.

**KEYWORDS:** correlation sentences; considered correlated; connectors that come in pairs.

---

1. Docente Doutor do Departamento de Letras Vernáculas - Língua Portuguesa - da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## Introdução

Muitos estudos ainda desconsideram a correlação, relação de interdependência entre orações, proposta por Oiticica (1942; 1952), como procedimento sintático tal como o são a subordinação e a coordenação. Com base nesse autor e resgatando o trabalho de Rodrigues (2007, 2001), deseja-se, neste artigo, explicitar não só a motivação para que a correlação seja tratada como um procedimento sintático, mas também os tipos de orações correlatas existentes em português.

Nossa hipótese é a de que a correlação é um processo de articulação de orações tal como o são a coordenação e a subordinação, e de que existem cinco tipos de orações correlatas em português – as aditivas, as alternativas, as comparativas, as consecutivas e as proporcionais.

## Revisão da literatura

No âmbito da abordagem tradicional, somente coordenação e subordinação são apresentados como processos de articulação de orações nos períodos compostos, relegando-se a segundo plano a correlação. Nesta abordagem, este procedimento sintático, quando considerado, aparece ora como um subtipo da subordinação ora como um subtipo da coordenação.

Oiticica (1952), em sua relevante obra denominada *Teoria da Correlação*, já denunciava que “esse processo de composição do período (...) sempre andou confundido com o da subordinação em todas as gramáticas brasileiras ou estrangeiras” (cf. OITICICA: 1952, p. 13).

Segundo o autor, as orações coordenadas são caracterizadas como autônomas e ligadas por conjunções explícitas ou não, e as subordinadas como dependentes, ligadas a principal por *um só* conectivo. Cotejando o comportamento das conjunções coordenativas e subordinativas, Oiticica (1952) procura enfatizar o elo sintático diferente que une as orações correlativas, ou seja, entre elas aparecem dois termos conectivos.

Pauliukonis (1995, p. 12) explicita que, mesmo Oiticica (1952) tendo-se apoiado em uma posição sintática para definir correlação, como se verifica no trecho “Em lugar da conjunção única e aparecem dois termos conectivos<sup>2</sup>”, o autor chama atenção para a interdependência semântica entre as duas orações na qual, segundo ele, reside toda a força da correlação: “(...) os pensamentos estão conexos, neste caso, por dois termos que sempre, além disso, devem ser claros”. Com base em Oiticica (1952), percebe-se que, nas orações correlatas, estabelece-se estreita ligação entre o primeiro termo intensifi-

2. Comentário feito por Oiticica (1952, p. 21) em relação ao exemplo “Não somente Marilda socorreu a pobre família, mas também adotou as duas órfãs”.

gador e o segundo evocado pela enunciação. Pauliukonis (1995, p. 12) afirma que “é do equilíbrio entre os dois termos que se abstrai a noção de correlação”.

Apesar dos ensinamentos de Oiticica (1952), a correlação continua associada à subordinação nas gramáticas tradicionais. No entanto, Rodrigues (2007) explica que, embora tal associação ocorra, não é frequente a menção explícita à categoria “orações correlatas” e ao tratamento da correlação como processo sintático (cf. quadro 1). A autora esclarece que, em geral, os comentários restringem-se à existência de orações que se ligam às outras por meio de conjunções que vem aos pares.

Nesse sentido, a correlação também não deixa de ser associada à coordenação e novamente como um subtipo desta. Rocha Lima (2003, p. 261), por exemplo, ao apresentar as orações coordenadas aditivas, chama atenção para o fato de que fórmulas correlativas como *não só... mas também, não só... mas ainda, não só... senão também, não só... senão que* podem dar mais vigor à coordenação.

A seguir, mostra-se um quadro que sintetiza o tratamento tradicional dado à correlação:

GRAMÁTICO	Explicitação da nomenclatura ORAÇÕES CORRELATAS	Menção indireta à correlação
<b>Bechara</b> (1987, p. 216-34)	_____	_____
<b>Cunha</b> (1990, p. 539) <b>Cunha &amp; Cintra</b> (1985, p. 578-601)	_____	Orações comparativas, consecutivas e, às vezes, proporcionais podem estar em correlação com um membro da oração principal.
<b>Rocha Lima</b> (1998, p. 259-84)	_____	Menciona “fórmulas correlativas” e “expressões correlativas” (cf. orações subordinadas comparativas, proporcionais e coordenadas aditivas).
<b>Luft</b> (2002, p. 45-84)	Orações correlatas aditivas (cf. p. 46). Orações correlatas comparativas (cf. p. 46). Orações correlatas consecutivas (cf. p. 46).	Afirma que outros gramáticos consideram orações proporcionais correlativas (cf. p. 62).
<b>Kury</b> (2002, p. 62-109)	Orações consecutivas correlatas (cf. p. 98). Orações proporcionais correlatas (cf. p. 104).	Menciona: aditivas com correlação (cf. p.66); palavra ou locução correlativa (cf. p.91 – orações comparativas); comparativas quantitativas se acham em correlação com uma palavra intensiva da oração principal (cf. p.92).

**Quadro 1: Sistematização do tratamento da correlação em gramáticas tradicionais<sup>3</sup>**

3. Quadro proposto por Rodrigues (2007, p. 230).

Por meio do quadro 1, nota-se que os gramáticos tradicionais não incluem em suas obras a correlação como um processo de articulação de orações distinto da subordinação e da coordenação. Segundo Azeredo (1979, p. 01), a maioria dos gramáticos brasileiros entende que a correlação e, também a justaposição “servem apenas para materializar certas relações fundamentalmente coordenativas ou subordinativas”. Rosário (2007) explicita que, embora a correlação apresente especificidades bem particulares em relação à coordenação e à subordinação, a não inclusão da correlação como processo sintático nas gramáticas tradicionais deve-se à influência da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Ao se consultar a gramática de Rocha Lima (1959) escrita antes da NGB, verifica-se que o autor considerava não apenas duas, mas quatro estruturas típicas para a organização das orações no período: coordenação, subordinação, correlação e justaposição. Em relação à correlação, este gramático à época afirmava que “neste processo sintático **de características absolutamente próprias**, não há independência das orações componentes do período como na coordenação, nem subdependência, como na subordinação. Existe, a rigor, **paradependência**.” (ROCHA LIMA: 1959, p. 259) (grifo meu)

Após essa definição, Rocha Lima (1959) comenta que se tivéssemos o período “a rã inchou e estourou”, haveria simples coordenação. Contudo, se acrescentássemos o advérbio de intensidade *tanto* à primeira oração, ela ficaria incompleta, ficando o período desconexo (a rã inchou tanto, estourou). Para “consertá-lo”, prossegue o autor, seria necessária a presença da palavra *que* antes da segunda oração (a rã inchou tanto, *que* estourou). Assim sendo, ele afirma que *tanto* e *que* são termos correlatos e que o período é composto por correlação.

Já Rocha Lima (2003), acatando a NGB, elenca em sua gramática apenas os dois processos de estruturação sintática – coordenação e subordinação. Chediak (1960), à época da elaboração da NGB, afirmou ter sido lastimável que o Anteprojeto tivesse excluído a correlação e a justaposição do rol dos processos de composição de período composto.

Chediak (1960) e Melo (1970) consideram a correlação um procedimento sintático. Vale explicitar, por exemplo, a interpretação dada por Melo (1970) que é diferente da acatada pela maioria dos gramáticos tradicionais (cf. quadro 1): “apesar das objeções ponderosas, continuo a admitir um terceiro processo sintático, a correlação, em que se observa interdependência das funções.” (MELO: 1970, p. 170)

Este gramático esclarece que tal discordância não lhe causa problemas do ponto de vista didático, visto que se trata de um aspecto de doutrina, sendo bastante enfático ao defender que a NGB “não pode pretender ser mais uma *nomenclatura* sugerida”. Melo (1970, p. 237) critica os estudiosos que passaram a desconsiderar a correlação devido à NGB, afirmando que, apesar de ele manter sua posição, há aqueles que aceitam “a doutrina carreada pela NGB”. Tal fato, explica ele, ocorre, ou porque

já estivessem convencidos de tal doutrina ou porque se converteram depois, passando a dizer que as orações que ele continua a considerar correlativas são “subordinadas adverbiais”.

Segundo Melo (1970), a correlação é um processo sintático que não se insere simplesmente à coordenação e à subordinação, é um processo mais complexo, em que há interdependência de partes do período, visto que se dá a intensificação de um dos membros do período ou de todo ele, intensificação esta que pede um termo em correlação com outro.

Com postura semelhante à de Melo (1970), Castilho (2002) e Rodrigues (2007, 2001), fundamentando-se no trabalho de Oiticica (1952), também abordam a correlação como um processo distinto da subordinação e da coordenação.

Para Castilho (2002, p. 143), na correlação, a cada elemento gramatical na primeira oração corresponde outro elemento gramatical na segunda, sem o quê o arranjo sintático seria inaceitável. Rodrigues (2007) aponta a falta de consenso, por parte dos estudiosos, em reconhecer que certas estruturas, tidas tradicionalmente como subordinadas adverbiais, envolvem estruturas de correlação. Ela assevera ser a correlação um procedimento sintático e não apenas um subtipo da subordinação e/ou coordenação, caracterizando este processo pela presença de duas orações formalmente interdependentes, em que a relação entre elas é materializada por meio de expressões correlatas.

Camara Jr. (1981, p. 87) difere da posição desses autores e se assemelha à posição dos gramáticos apresentados no quadro 1. Ele define a correlação como “uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita prótase, prepara a enunciação de outra, dita apódase”. Segundo esse linguista, a correlação se estabelece tanto por meio da coordenação como por meio da subordinação, não devendo, portanto, ser considerada como um processo distinto desses.

Módolo (1999), ao confrontar os pressupostos teóricos de Camara Jr. (1981) e Oiticica (1952), explica que aquele partia de uma perspectiva estruturalista da sintaxe, perspectiva esta que se preocupa com a segmentação do texto em unidades gramaticais dispostas em uma hierarquia. Deste modo, a sintaxe estrutural não estaria tão preocupada com possíveis digressões semânticas, mas sim com a estruturação sintagmática dentro da oração, em um percurso baseado em critérios puramente mórficos.

Uma vez que tais critérios implicam uma disposição binária dos elementos da língua, como ocorre nas dicotomias saussurianas, Camara Jr. (1981) deixa a ideia da correlação à margem. Assim, para que a correlação não impedisse a adoção do binarismo coordenação/subordinação, insinuando-se como outro procedimento sintático, este estruturalista opta por distribuir as estruturas correlatas entre as coordenadas e as subordinadas.

Por outro lado, Oiticica (1952) parte de uma perspectiva funcional da sintaxe, conforme Módolo (1999). Segundo esse autor, Oiticica (1952) foi um funcionalista “*avant la lettre*”, uma vez que seu

livro *Teoria da Correlação* foi publicado na década de 50, bem antes de o funcionalismo ter se projetado como corrente linguística.

Módolo (1999), assim como Pauliukonis (1995), destaca a intensa preocupação de Oiticica (1952) com o componente semântico, um dos pilares de sua argumentação sobre a correlação oracional.

Destacando a relação entre estrutura e função, o modelo funcionalista sustenta que a estrutura existe tendo em vista a necessidade de cumprir certas funções. De acordo com esse ponto de vista,

a linha mestra para entender a correlação é perceber que, em primeiro lugar, as orações se correlacionam funcionalmente, resultando depois uma disposição sintática, em que um termo da primeira oração encadeia-se com outro termo da segunda oração. Essa parece ser a posição de Oiticica.

(MÓDOLO: 1999, p. 7)

Castilho (2010, p. 385) analisa as correlatas como um terceiro tipo de relação intersentencial e apresenta quatro tipos de correlatas: as aditivas, as alternativas, as comparativas e as consecutivas, utilizando alguns dos exemplos de Módulo (2004; 2008).

Como se vê, a maioria dos gramáticos, muito por influência da tradição normativa, prefere não considerar a correlação como um processo distinto dos demais. No entanto, apresentaram-se aqui alguns autores que defendem a correlação como um terceiro processo de estruturação sintática.

## Tipos de orações correlatas

Rodrigues (2001) já indagava sobre o processo sintático envolvido nas construções comparativas – se subordinação, coordenação ou correlação. Neste trabalho, a autora faz uma descrição das construções comparativas na Língua Portuguesa a fim de apreender quais, de fato, devem ser tratadas como estruturas oracionais. Para alcançar este objetivo, na revisão da literatura pertinente aos processos sintáticos, desde a tradição gramatical até correntes linguísticas mais recentes, resgatou, no âmbito da tradição gramatical, a proposta de Oiticica (1942; 1952), pela qual a *correlação* é um mecanismo sintático diferente da coordenação e da subordinação, conforme já vimos.

Assim, Rodrigues (2001) não só identificou as construções comparativas oracionais, mas, ainda, estabeleceu uma tipologia para elas, caracterizando-as sintaticamente como estruturas que tanto podem envolver *correlação* quanto *subordinação*. Portanto, segundo ela, neste estudo, há construções

comparativas que são correlatas e há as que não o são. As não correlatas, na verdade, funcionam como adjuntos, que podem ser oracionais ou não. Na tipologia estabelecida pela autora, a *correlação* é o elemento diferenciador em relação à maioria das classificações existentes e consultadas à época de seu trabalho.

Tomando por base estudos como os de Oiticica (1942; 1952), Barreto (1999) e Castilho (2002), Rodrigues (2001) inseriu parte das comparativas no processo de *correlação*, em que uma sentença estabelece uma relação de interdependência sintática com a outra. No entanto, não deixou de considerar que há igualmente estruturas comparativas que não estabelecem esse tipo de relação, visto que funcionam como adjuntos. Na verdade, segundo ela, há dois tipos principais de orações comparativas: (a) as correlatas – nestas nota-se uma interdependência sintática entre a primeira e a segunda partes, justificando, pois, tal classificação; (b) as não correlatas, que, justamente por funcionarem como adjuntos, não podem ser inseridas no processo sintático da correlação. Assim, as orações comparativas não correlatas se inserem no processo sintático da subordinação, porque se estabelece uma relação de adjunção entre a primeira e segunda partes da construção. Portanto, a denominação não correlata não se restringe apenas ao fato de tais estruturas serem introduzidas por um conector simples, mas também serve para caracterizar as orações comparativas em que não está envolvida a noção sintática de interdependência, mas sim a de adjunção. Com isso, tem-se um quadro diferente do apresentado pela GT.

As constatações de Rodrigues (2001) antes sumarizadas forneceram os subsídios para que Rodrigues (2007) defendesse a existência de outras orações correlatas além das comparativas estudadas por ela àquela altura.

Segundo Rodrigues (2007), a correlação em português deveria ser subdividida em correlação aditiva, correlação alternativa, correlação comparativa, correlação proporcional e correlação consecutiva. Nessa linha de raciocínio, estabelece-se uma distinção entre orações correlatas e não correlatas. No âmbito das comparativas, proporcionais e consecutivas, isso significa dizer que existem também comparativas, proporcionais e consecutivas que são subordinadas; no âmbito das orações aditivas e alternativas, isso significa dizer que elas também podem ser coordenadas.

O quadro a seguir ilustra a proposta antes explicitada:

<i>Status da correlação no âmbito do período composto</i>	
<b>PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO</b>	
<b>SUBORDINADAS ADVERBIAIS</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. finais</li> <li>2. conformativas</li> <li>3. comparativas</li> <li>4. proporcionais</li> <li>5. temporais</li> <li>6. condicionais</li> <li>7. concessivas</li> <li>8. causais</li> <li>9. consecutivas</li> </ol>
<b>PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO</b>	
<b>COORDENADAS SINDÉTICAS</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. aditivas</li> <li>2. adversativas</li> <li>3. alternativas</li> <li>4. conclusivas</li> <li>5. explicativas</li> </ol>
<b>PERÍODO COMPOSTO POR CORRELAÇÃO</b>	
<b>CORRELATAS</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. comparativas</li> <li>2. proporcionais</li> <li>3. consecutivas</li> <li>4. aditivas</li> <li>5. alternativas</li> </ol>

**Quadro 2: Correlação inserida no âmbito da classificação tradicional do período composto**

Por meio da leitura do quadro 2, verifica-se a existência de períodos compostos por ordenação, subordinação e correlação. Constata-se, ainda, que há orações aditivas e alternativas coordenadas e correlatas, assim como há comparativas, consecutivas e proporcionais subordinadas e correlatas. Pelo quadro 2, inserimos a correlação e as orações correlatas no âmbito da classificação tradicional dos períodos compostos em que havia apenas duas possibilidades de articulação de orações – coordenação e subordinação.

Assim, segundo Rodrigues (2007), a correlação é um mecanismo de estruturação sintática ou procedimento sintático em que uma sentença estabelece uma relação de interdependência com a outra no nível estrutural. Portanto, na correlação, nenhuma das orações subsiste sem a outra, porque, na verdade, elas são interdependentes. Logo, a correlação tem sua conexão estabelecida por elementos formais, expressões que compõem um par correlativo, estando cada um de seus componentes em ora-

ções diferentes, chamados conectores correlatos. A autora chama atenção ainda para as características que a particularizam em relação à subordinação e à coordenação:

- a) a correlação apresenta conectores que vêm aos pares, cada elemento do par em uma oração;
- b) no período composto por correlação, as orações não podem ter sua ordem invertida, isto é, não apresentam a mobilidade posicional típica das subordinadas adverbiais que funcionam como adjuntos;
- c) as correlatas não podem ser consideradas parte integrante de outra, como ocorre com as substantivas e as adjetivas restritivas.

Vale ressaltar, no entanto, que as correlatas alternativas não apresentam um comportamento homogêneo (cf. CASTILHO: 2010, p. 389). Aplicando-se isso à característica b) supracitada, muitas delas possuem mobilidade posicional, contrariando o comportamento das correlatas como um todo.

### **Exemplificação das orações correlatas**

Uma das questões principais do trabalho de Rodrigues (2001) era identificar quais as construções comparativas de uso mais frequente na Língua Portuguesa. Mediante a análise quantitativa realizada com base em dados de Língua Escrita e de Língua Falada, a autora verificou que as construções comparativas não oracionais são muito mais frequentes em ambas as modalidades, preferindo a Escrita as não correlatas e a Fala, as correlatas.

A autora descreve as estruturas comparativas, com base em um *corpus* de Língua Oral gravada no decorrer das décadas de 70 e 90, e em outro, de Língua Escrita dos séculos XVIII, XIX e XX, com o objetivo de discutir o estatuto sintático dessas construções, mostrando suas diferentes realizações sintáticas. A hipótese que norteia o estudo da autora é a de que nem todas as estruturas normalmente identificadas como comparativas são realmente construções oracionais.

Os dados de Língua Escrita de Rodrigues (2001) provêm de peças teatrais, em geral comédias de costumes, nas quais se procura adequar a variedade linguística à identidade da personagem e à situação de comunicação, estilização que tenta aproximar esse tipo de texto ao falado. Ao todo, analisaram-se 20 peças teatrais – três, da 1ª. metade do século XVIII; uma, da 2ª. metade do século XVIII; seis, da 1ª. metade do século XIX; cinco, da 2ª. metade do século XIX; três, da 1ª. do metade século XX e duas, da 2ª metade do século XX.

Os dados de Língua Oral provêm do Projeto NURC – RJ e compreendem a fala de 30 informantes gravada nos anos 70 e nos anos 90. Em 90, tem-se tanto gravações feitas com indivíduos distintos, separadas, portanto, por um intervalo de cerca de 20 anos, chamada de Amostra Complementar e que possibilita o que se denomina estudo de tendência, quanto aquelas em que um mesmo informante é recontactado 20 anos depois de sua primeira entrevista, chamada de Recontato.

Ao todo, analisaram-se 30 inquéritos – 8, da faixa etária 1 (25 a 35 anos); 12, da faixa etária 2 (36 a 55 anos) e 10, da faixa 3 (acima de 56 anos); 10, são da década de 70; na década de 90, 10 são de Amostra Complementar e 10, de Recontato.

Uma última amostra de Rodrigues (2001) traz dados do Português Europeu Oral. Tais entrevistas fazem parte do acervo do Projeto Português Fundamental, denominada Corpus de Frequência, que se compõe de gravações do português falado europeu feitas na década de 70. Além dessas, utilizaram-se, ainda, amostras da década de 90, denominadas Portugal – anos 90. Tais amostras envolvem diferentes falantes. Ao todo, analisaram-se 42 inquéritos – 15 da década de 90 e 27 da década de 70: 15 desses inquéritos estão na faixa etária 1; 18, na faixa 2; e 9, na faixa 3.

O quadro teórico que sustenta o trabalho de Rodrigues (2001) provém de estudos que vão desde a tradição gramatical até estudos gerativistas, segundo os quais as estruturas comparativas não são construções uniformes. Utiliza-se, ainda, o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista não só para a seleção e processamento dos dados dos *corpora*, mas também no pressuposto básico de que toda mudança pressupõe variação.

Foi analisado um total de 461 estruturas comparativas: 315, de Língua Escrita e 146, de Língua Falada. Na apresentação dos resultados, a autora focalizou inicialmente a amostra de Língua Escrita e, em seguida, a de Língua Oral.

Das 315 ocorrências de construções comparativas do *corpus* de Língua Escrita, 275 são de estruturas não oracionais e 40 de oracionais. Em termos percentuais, isto equivale a 87% de construções comparativas não oracionais e a 13% de oracionais. Estes resultados ratificam a hipótese de que as construções comparativas não oracionais têm número de ocorrência superior ao das oracionais, contrariando a análise tradicional que apresenta as construções comparativas como oracionais, tratando-as de maneira uniforme.

Na Língua Escrita, mais de 50% das construções comparativas são não oracionais não correlatas. Estas perfazem um total de 170 ocorrências; as correlatas, 105; as oracionais correlatas, 11 e as não correlatas, 29.

Do total geral de 146 construções comparativas em Língua Falada tanto do Português do Brasil quanto do Português Europeu, 121, que correspondem a 84%, são de estruturas não oracionais; as 25 ocorrências restantes, que correspondem a 16%, são todas de estruturas oracionais.

Dos 146 dados de Língua Falada, 101, que correspondem a 69%, são de construções comparativas não oracionais correlatas. Seja em estruturas comparativas oracionais ou não oracionais, as não correlatas têm um número de ocorrências bem menor  $\frac{3}{4}$  nas não oracionais, são 20 dados, que correspondem a 14%, e nas oracionais, 12 ocorrências, que correspondem a 8%. Assim, embora Escrita e Fala prefiram as construções não oracionais, aquela prefere as não correlatas, enquanto esta opta pelas correlatas.

Embora não seja objetivo deste trabalho uma análise sociolinguística nos moldes de Rodrigues (2001), a recolha de dados permite uma descrição dos usos linguísticos em situações de interação mais próxima de nossa realidade linguística.

Para exemplificar a tipologia proposta para as orações correlatas, recorreremos ao *corpus compartilhado* do Projeto VARPORT ([www.letras.ufrj.br/varport](http://www.letras.ufrj.br/varport)) – Análise Contrastiva das Variedades do Português –, que engloba língua oral e escrita, como também textos retirados tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu e ainda ao *corpus* Roteiro de Cinema ([www.roteirodecinema.com.br](http://www.roteirodecinema.com.br)), endereço eletrônico que disponibiliza, desde 2003, mais de 380 roteiros de inúmeros filmes nacionais na íntegra, já produzidos ou inéditos. Nestes consideramos apenas as orações que continham materializados os pares correlatos; portanto, casos em que um dos pares era omitido foram desconsiderados.

Em uma análise preliminar e ainda em processo, foram encontrados poucos dados de orações correlatas: são apenas 3 casos de comparativas, 2 de proporcionais, 4 de consecutivas, 2 de aditivas e 3 de alternativas. Tal fato inviabiliza generalizações como as de Rodrigues (2001) antes reproduzidas, mas não impede a descrição dos tipos de correlatas encontradas em português, principal objetivo deste trabalho.

### Correlação aditiva - Orações correlatas aditivas

As orações correlatas aditivas apresentam matiz semântico de adição, soma, ou seja, do ponto de vista das ideias, o que se diz na primeira oração vale para a segunda do ponto de vista informativo; são introduzidas pelos pares correlatos *não só...como*, *não apenas...como*, *tanto...como*, *não apenas ...mas também*, *tão...como* etc.

(1)

DOC - se você fosse apresentar o Rio a alguém de fora... em que lugar você levaria?

LOC - bom... eu acho que o Rio de Janeiro deve ser visto não só em um de seus lugares belíssimos... como também nas suas... nos seus lugares pobres e pelo menos a favela da Rocinha tem que ser visitada... compreendeu? e eu... eu tenho uma coisa... eu tenho um grande respeito por favela porque... um dos meus melhores

amigos nas... foi nascido e criado... eh... na Rocinha... de pais analfabetos filhos de ... paraíba... e este rapaz hoje ele mora nos Estados Unidos... casou-se e fala ( ) línguas... foi nascido e criado na Rocinha... eu acho que... eu acho que a gente não devia discriminar tanto as favelas porque há gente muito boa lá... e quanto a isso... os lugares tradicionais... Pão-de-açúcar... Corcovado... Floresta da Tijuca... né... e (?) Chinesa... essas coisas... mas eu acho também que todos os lugares pobres devem ser visitados porque nem tudo é beleza... a zona Norte ainda é muito pobre... ainda é muito pobre... ainda é muito pobre... mas eu conheço bastante porque eu já morei inclusive na zona Norte... eu morei em Guadalupe... um lugar bastante humilde e tenho amizade lá... tenho amizade em ( ) em Bangu... eu acho... que **não só** no lado bom o Rio de Janeiro deve ser visitado... **mas** o lado pobre **também** tem que ser... aliás... a mulher desse meu amigo que mora nos Estados Unidos... ele casou-se mora nos Estados Unidos... eles se... eles se conheceram durante aquela exposição que teve aqui no Rio ( ) se conheceram aqui e ela visitou tudo... visitou Rocinha... inclusive a família dele mora lá até hoje e... e ela vai lá tranqüilamente... mas é isso... quê mais?

(Corpus VARPORT)

(2)

É publico e notorio de que a comissão apresentou o parecer no dia 12 de outubro do anno passado, e tendo decorrido mais de quatro mezes V. Ex.<sup>a</sup> **não só** não tem dado publicidade desse parecer, / **como ainda** o não apresentou ao Monarcha, como é do seu rigoroso dever, mormente tendo-se espalhado os boatos de que V. Ex.<sup>a</sup> tenciona fazer que a comissão reforme esse parecer visto que o mesmo compromette não só a pessoa de V. Ex.<sup>a</sup> como a de seu Official maior, e como V.Ex.<sup>a</sup> não conseguisse dos membros da comissão o que pretendia, agora lança mão de um subterfugio que é o alterar a mencionada escripturação para com ella desmentir a comissão.

(Corpus VARPORT)

Os exemplos 1 e 2 apresentam na primeira oração o conector *não só* e na segunda *como também* e *como ainda*, respectivamente, ilustrando, assim, formas variantes em relação aos possíveis pares correlativos aditivos anteriormente sugeridos.

### Correlação alternativa - Orações correlatas alternativas

As orações correlativas alternativas também podem ser denominadas de disjuntivas, pois do ponto de vista semântico o que é dito sobre a primeira oração não vale para a segunda, sendo introduzidas pelos pares correlativos *nem... nem, ora... ora, seja... seja* etc.

(3)

quando foi lavar a boca assim na - olhou pro lado assim (vinha) um navio estava pertinho já daqui pra ali não tinha tempo de dos cara fazer nada **nem** ligar o motor / **nem** nada pra sair fora né o navio estava em cima já aí um um um falou assim ó pula n'água todo mundo

(*Corpus* VARPORT)

(4)

então isso aqui está a gente paga aqui pra colônia né porque é o direito entendeu? então quando é quando era o outro a gente pagava a gente ia lá resolver ele disse que não sabia de nada entendeu? que era ( ) é

( ) confusão ( ). às vezes a gen/ a gente **nem** pagava mais / **nem** pagava menos por causa disso

(*Corpus* VARPORT)

Como se nota, o par correlativo usado nos exemplos 3 e 4 foi o mesmo – *nem...nem*.

### Correlação comparativa - Orações correlatas comparativas

Entende-se por oração comparativa correlata aquela constituída de duas partes: a primeira, ou *comparado*<sup>4</sup>, que contrasta com a segunda, ou *comparante*, mantendo-se entre elas uma relação de interdependência sintática denominada *correlação*. Na primeira parte da comparação, encontram-se introduzidores do tipo *mais, menos, tanto...*, e na segunda, *que, de, (como)*.

4. Os termos *comparado* e *comparante* estão sendo adotados com base em García (1994, p. 215).

(5)

REBECCA

Pago bem **mais** / **do que** se paga por aí.(Roteiro de *Olhos Azuis*, 2010)

(6)

Dunga: Num me aperreia **mais** / **do que** já tô aperreado não, pelo amor de Deus.

(pausa. Olhando para o corpo de seu Bianor sobre o sofá) Oh, seu Bianor! Sempre me dando trabalho.

(Roteiro de *Amarelo manga*, 2002)

Os exemplos 5 e 6 permitem reforçar uma observação de Rodrigues (2001). Segundo a autora, no caso das comparativas não correlatas, o introdutor mais frequente é o *como* e no caso das comparativas correlatas, na primeira parte encontra-se o intensificador *mais* e na segunda, *do que* com maior frequência.

Segundo Rodrigues (2001), a identificação dos introdutores da primeira e da segunda partes da estrutura comparativa interfere diretamente na forma dessa construção, ou seja, determinará se ela será correlata ou não correlata. Desse modo, quando a estrutura comparativa tem sua segunda parte iniciada por *como*, não estando este introdutor ligado a outro elemento, a construção está na forma não correlata; quando a construção comparativa tem a sua segunda parte iniciada por *(do) que* e este está relacionado com um elemento da primeira parte, a construção é correlata. Logo, a forma da construção independe do seu estatuto oracional, restringindo-se isso à imbricação dos introdutores das duas partes que compõem essas estruturas. Por isso, tem-se tanto estruturas não oracionais correlatas e não correlatas, do mesmo modo que se tem estruturas oracionais correlatas e não correlatas, conforme tipologia proposta pela autora:

#### **Construção comparativa não oracional não correlata**

Você corre [**como** um coelho acuado...] (Rodrigues: 2001, p. 154)

#### **Construção comparativa não oracional correlata**

(...) um tem que falar **mais** alto [**do que** o outro.] (Rodrigues: 2001, p.154)

#### **Construção comparativa oracional não correlata**

Agora, tudo vai ser [**como** era antes.] (Rodrigues: 2001, p.155)

Construção comparativa oracional correlata

(...) Olha... está **melhor** [do que estava.] (Rodrigues: 2001, p.155)

Note-se que, no último exemplo de Rodrigues (2001, p. 55) antes reproduzido, emprega-se na primeira parte da comparação o adjetivo *melhor*.

### Correlação consecutiva - Orações correlatas consecutivas

Orações consecutivas são aquelas que exprimem uma consequência da intensidade de uma qualidade, da quantidade de um objeto e da qualidade de um processo descrito na segunda oração, e são introduzidas pela conjunção *que* em correlação com um intensificador da primeira oração.

(7)

Nildes olha Tito nos olhos por alguns segundos, ele está **tão** assustado / **que** a irmã fica com os olhos cheios de lágrimas, segura as mãos dele com força e sai.

(Roteiro de *Batismo de sangue*, 2008)

(8)

**Tantas** vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, / **que** essas condições tomaram o livro de novos instrumentos.

(Roteiro de *A cartomante*, 2005)

Percebe-se nos exemplos 7 e 8 a utilização dos intensificadores *tão* e *tantas* na primeira oração e da conjunção *que* na segunda, reforçando assim a caracterização apresentada para tais estruturas anteriormente.

### Correlação proporcional - Orações correlatas proporcionais

Segundo Said Ali (1969, p. 146), as orações proporcionais “denotam aumento ou diminuição que se faz no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição”. Normalmente são introduzidas pelos pares correlativos (tanto mais)... quanto mais, (tanto mais)...quanto menos, (tanto menos)...quanto mais, (tanto mais)... menos etc.

(9)

CLÁUDIO: Helena, não insiste, que coisa! Não fica bem. Além do mais, **quanto mais** você insistir, / **mais** vai se sentir rejeitada. Eu sei.

(Roteiro de *Se eu fosse você*, 2005)

(10)

Não deixa ele respirar. **Quanto mais** você falar da campanha, / **mais** chances a gente tem. Eu vou ficar do teu lado dando os apartes.

(Roteiro de *Se eu fosse você*, 2005)

Nos exemplos 9 e 10, na primeira oração usa-se o conector *quanto mais* e na segunda apenas o intensificador *mais* para reforçar a nuance de proporção, conforme afirma Sai Ali (1969).

## Conclusão

Ao se revisitar o trabalho de Rodrigues (2007, 2001), à luz da proposta de Oiticica (1952), ratifica-se a ideia de que a correlação é um procedimento sintático em que uma oração estabelece uma relação de interdependência com a outra no nível estrutural. Tal correlação tem sua conexão estabelecida por elementos formais, expressões que compõem um par correlativo, estando cada um de seus componentes em orações diferentes. De acordo com esse ponto de vista, em português existe, portanto, a correlação aditiva, a correlação alternativa, a correlação comparativa, a correlação proporcional e a correlação consecutiva.

Em relação à abordagem tradicional, que não considera a correlação um mecanismo sintático distinto da coordenação e da subordinação, e de abordagens mais recentes, que a interpretam como um terceiro procedimento de articulação de orações, este trabalho acrescenta, no âmbito das orações correlatas, as proporcionais, não contempladas, por exemplo, por Módulo (2004; 2008) e Castilho (2010). Assim, justifica-se a descrição aqui feita, exemplificada com dados reais de usos linguísticos, resgatando a proposta de Rodrigues (2007; 2001).

Portanto, acreditamos que a correlação é um processo de articulação de orações para formação de estruturas complexas, assim como o são a coordenação e a subordinação, sendo as correlatas mais frequentes em textos argumentativos, como atestam a maioria dos trabalhos consultados.

**Artigo recebido: 08/09/2014**

**Artigo aceito: 10/12/2014**

## Referências bibliográficas

- AZEREDO, José Carlos. *Sobre os processos de estruturação sintática*. Niterói: Faculdade de Letras/UFRJ, 1979. Mimeo.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: UFBA, 1999. Tese de Doutorado.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CASTILHO, Ataliba. T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo, Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHEDIAK, Antônio José (Org.). *Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua elaboração*. [S.l.]: CADES, 1960.
- CUNHA, Celso. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 12. ed., Rio de Janeiro, FAE, 1990.
- \_\_\_\_\_ & CINTRA, Lindley F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- GARCÍA, Ángel López. *Gramática del español*. Madrid, Arco/Libros S. L., 1994. 1. La oración compuesta.
- KURY, Adriano da G. *Novas lições de análise sintática*. 3. ed., São Paulo, Ática, 2002.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre, Globo, 2002.
- MARQUES, Evelyn C. S. *Gramaticalização da noção de consequência nos processos de combinação de cláusulas*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2009. Dissertação de Mestrado.
- MELO, Gladstone Chaves de Melo. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- MÓDOLO, Marcelo. *Correlação: Estruturalismo versus Funcionalismo*. (Pré) publications: forskning og undervisning. Danmark: Romansk Institut, Aarhus Universitet, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Gramaticalização das conjunções correlativas no Português*. 2004. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. vol. 2. São Paulo, Unicamp, 2008.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 6. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942.

\_\_\_\_\_. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida L. Função argumentativa da correlação. In: PEREIRA, C. da C. & PEREIRA, P. R. D. (org. e coord.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995. p. 337-347.

\_\_\_\_\_. *Novo enfoque da teoria da correlação*. In: Anais do V congresso de associação de estudos da linguagem. Rio de Janeiro, 1995.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

\_\_\_\_\_. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia editores, 1959.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo, Contexto, 2007. p. 225-235.

\_\_\_\_\_. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Teoria da correlação revisitada*. In: SENEFIL: Rio de Janeiro, v. 9, 2007.

\_\_\_\_\_. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012. 250 f.

SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1969.